

Efeitos de peso: uma nova perspectiva

Fátima Martins

CLUNL

Isabel Mascarenhas

UNL / CLUL

1. Introdução

Esta comunicação é o resultado de um estudo preliminar sobre as construções sintáticas que na literatura recente da área têm sido referidas como condicionadas por princípios da fonologia prosódica, pondo em causa o princípio da sintaxe fonologicamente livre, na sua versão mais forte (cf. Zec e Inkelas 1990). Este princípio defende que as regras sintáticas não fazem referência à fonologia i.e. que as construções sintáticas não são condicionadas por informação fonológica (cf. Zwicky 1969, Zwicky e Pullum 1986).

Relativamente ao português, Frota e Vigário 2001 apresentam uma série de exemplos, fornecendo argumentos que mostram que, ao nível da reordenação de complementos, topicalização e inserção de parentéticas no Português Europeu, a Fonologia condiciona algumas construções sintáticas, estando a sintaxe sujeita a efeitos de peso dos constituintes fonológicos.

Assim, a reordenação de complementos não seria legitimada pela complexidade sintáctica dos constituintes que constituem os complementos mas sim pela seguinte condição prosódica:

- «Um complemento reordenado (“shifted”) tem de ser fonologicamente pesado.»¹

Quanto à Topicalização e à inserção de parentéticas, as autoras defendem também que é a existência do peso fonológico que condiciona este tipo de estruturas definindo assim as seguintes condições prosódicas:

- «O sintagma entoacional que corresponde à frase da qual o constituinte topicalizado foi extraído tem de possuir uma cabeça pesada, i.e. o seu Φ 's' tem de ser pesado».²

¹ Cf. Frota e Vigário 2001, pp. 320.

² idem, pp. 323.

- «O sintagma entoacional adjacente à direita ao sintagma entoacional da parentética tem de possuir uma *cabeça pesada*, i.e. o seu Φ 's' tem de ser pesado.»³

Defendem, assim, a recorrência a questões fonológicas para dar conta dos dados através de uma generalização que remete para a constituição prosódica e para a proeminência assumindo que, quando construída em termos sintácticos, este tipo de generalização resultaria ineficaz, puramente estipulativa e não económica.

Neste estudo, é nosso objectivo mostrar que as duas componentes da gramática são autónomas, como defendem Zec e Inkelas 1990, não sendo a sintaxe condicionada pela fonologia como é previsto no modelo-T da gramática.

Pretendemos também demonstrar que as questões relacionadas com a reordenação de complementos ou a inserção de parentéticas não podem ser explicadas categoricamente por razões de proeminência e de peso podendo muitas vezes resultar de estratégias opcionais dos falantes.

Finalmente, é também nosso objectivo apresentar argumentos que defendam a não existência de uma interacção bidireccional da sintaxe com a prosódia, mas sim uma coincidência de escopo de Foco, e ainda a obrigatoriedade da influência sintáctica no nível fonológico, reforçando o princípio da sintaxe fonologicamente livre, assumindo a existência de um Foco informacional sintáctico, como é defendido na literatura da área, que validará a este nível algumas das estruturas consideradas no trabalho acima referido como agramaticais ou marginais.

Na secção 2, em que trataremos da questão de reordenação de complementos e na 3, que diz respeito à inserção de parentéticas, demonstraremos a existência de um Foco informacional sintáctico que é suficiente para legitimar estas estruturas sem necessidade de um constituinte fonologicamente pesado em posição final. Esta demonstração será feita na secção 2 com a apresentação de testes informais em que se verificou um elevado grau de aceitabilidade em frases com NPs pesados não finais. Na secção 3 será reforçada a primazia da sintaxe sobre a fonologia através de construções de inserção de parentéticas em certos tipos de adjuntos e será mostrado, através dos resultados de um teste formal, a aceitabilidade de frases que contêm um constituinte não pesado depois da parentética, facto que, tal como na secção anterior, não confirma as hipóteses apresentadas em Frota e Vigário 2001. Tendo-se verificado, ainda, que o que é mais relevante para a maior parte dos informantes não é, neste caso, o peso fonológico mas sim a existência ou não de pausa.

No ponto 4 serão apresentadas as conclusões deste estudo que reforçam a hipótese de a sintaxe ser fonologicamente livre não estando por isso condicionada por questões do foro fonológico.

2. Reordenação de Complementos

No que diz respeito à reordenação de complementos assumimos que, tal como refere Âmbar 1988, numa estrutura em que existe a atribuição de Foco vai ser estabelecida

³ *ibidem*, pp. 325.

uma relação conceptual entre o constituinte focalizado e os constituintes que funcionam como predicação e Foco na pergunta e que na resposta é assumido como informação partilhada, designando-se o constituinte relativo à informação partilhada como tópico. Numa frase não marcada em Português, o tópico ocupa a primeira posição da frase e os elementos do comentário que constituem o Foco informacional, a posição final da frase.

Dentro da mesma perspectiva, Costa 1998 defende que Foco se refere sempre a informação nova sendo a sua manifestação sintáctica determinada pela posição que esse tipo de informação ocupa na frase, ou seja, o lugar na periferia mais à direita. O Foco informacional é identificado normalmente nos pares pergunta-resposta e em contextos de correcção em que há fornecimento de informação nova sem alteração do valor de verdade da proposição e pode possuir um acento neutro se se encontra na posição mais à direita ou receber um acento marcado quando não se encontra nesta posição.

Também Duarte 2003 demonstra, a partir dos padrões de ordem de palavras que se estabelecem nas predicações de juízos categóricos, que os constituintes com o estatuto de Foco informacional ocorrem na periferia direita da frase.

Como se conclui do que atrás foi referido o elemento que recebe Foco em sintaxe ocorre na sua forma não marcada à direita do verbo ou de um operador de marcação de Foco, sendo estes os processos sintácticos de marcação desta categoria.

Relativamente à reordenação de complementos, fomos constatando a existência de um elevado grau de aceitabilidade relativamente às frases apresentadas como agramaticais ou marginais no referido artigo, quando não interagem com restrições de natureza prosódica. Assim sendo, decidimos optar pela realização de testes informais para verificar o comportamento dos informantes relativamente a este tipo de estruturas, utilizando estas frases e outras do mesmo tipo. Para este fim utilizámos dois tipos de informantes; o primeiro grupo constituído por um conjunto de alunos finalistas da licenciatura em Linguística foi testado em sala de aula e o segundo, constituído por informantes sem formação na área, foi testado isoladamente sendo os informantes questionados sobre os juízos de gramaticalidade relativos às frases em questão. Verificou-se que nos testes elaborados, em ambas as situações, grande parte dos informantes (na ordem dos 80%) aceitou como gramaticais frases que não apresentavam reordenação de complementos quando o NP era mais pesado do que o PP, preferindo-as em alguns casos às que apresentavam essa reordenação (frase (1 a) que é apresentada em Frota e Vigário 2001 em (12 a)), dizendo alguns que nestas últimas a interpretação da frase era diferente. Desta forma, defendemos que a frase que as autoras apresentam em (12 b.), e apresentada por nós em (1 b.), será gramatical e uma resposta possível às perguntas apresentadas em (2) e (3), (4) e (5).

(1 a.) (12 a) [A Ana comprou [ao Pedro]Φ [o quadro]Φ {do vencedor}Φ [do concurso]Φ] I

(1 b.) (12 b. ??/*) [A Ana comprou [o quadro]Φ [do vencedor]Φ [do concurso]Φ [ao Pedro]Φ] I

(2) A quem é que a Ana comprou o quadro do vencedor do concurso?

(3) A Ana comprou o quê a quem?

- (4) O que é que a Ana comprou?
 (5) O que é que a Ana fez?

enquanto que a frase com reordenação é uma das respostas possíveis à pergunta ilustrada em (6)

- (6) O que é que a Ana comprou ao Pedro?

Acrescente-se, como foi acima referido, que alguns informantes afirmaram que a frase com reordenação tinha uma interpretação diferente apresentando o constituinte *ao Pedro* um Foco prosódico. Defendemos que alguns destes informantes interpretaram a frase em (1 b.) como resposta a uma pergunta do tipo *A Ana comprou o quadro ao João?* Nestes casos podemos não estar perante um Foco informacional, mas perante um Foco contrastivo.

Quando a informação nova não ocupa uma posição final, este constituinte é necessariamente focalizado sob o ponto de vista prosódico, sendo esta uma estratégia fonética/fonológica para a legitimação de Foco.⁴ No que diz respeito a esta legitimação, Âmbar 1988 propõe que um Foco precisa de ser legitimado através de regência canónica sendo esta obtida pela subida do verbo ou em estrutura-S ou em FL. Se o movimento do verbo se dá apenas em FL, o constituinte focalizado, ao sair da estrutura-S marcado [+F] recebe em FF um “acento de intensidade” sendo desta forma legitimado o Foco.

Costa 1998 defende (tal como Duarte 1987, 1996, 1997, 2003, Âmbar 1992, 1994, 1996, 1997 e Martins 1994) que as diferentes ordens em Português têm uma relação com diferentes estruturas informacionais mas, no entanto, demonstra que não há necessidade de movimento do Foco em FL já que este possui sempre uma relação de c-comando com os outros constituintes da frase e logo, neste caso, a prosódia e a noção de c-comando tornariam o movimento em FL redundante e desnecessário, sendo apenas suficiente a identificação do Foco em FF.

Acrescente-se, ainda, que os informantes não só aceitaram a frase de (1 b.) como gramatical (85% de validação) mas ainda outras em que o NP continha uma frase encaixada e que também não apresentavam reordenação como em (7) e (8) (96% de validação).

- (7) A Ana comprou o quadro do homem que venceu o concurso ao Pedro.
 (8) Expusemos as dúvidas que tínhamos aos nossos orientadores

Frota e Vigário 2001 afirmam ainda que se os complementos forem leves a reordenação só é possível se o NP for fonologicamente pesado. No entanto, também aqui se pode verificar que a reordenação é facultativa pois podemos ter como resposta a (9) a frase (10) ou ainda a frase (11).

- (9) A Ana comprou a casa ao Pedro?

⁴ Note-se que em posição final o Foco quando contrastivo também é prosodicamente marcado.

(10) Não, a Ana comprou ao Pedro O QUADRO.

(11) Não, a Ana comprou O QUADRO ao Pedro

sendo também possível (12) e (13)

(12) Não. Ao Pedro, a Ana comprou O QUADRO.

(13) Não. A Ana , ao Pedro, comprou O QUADRO.

Parcece-nos pois que, mais do que a estrutura prosódica, é a estrutura sintáctica que influencia a reordenação sofrida utilizando-se, contudo, estratégias que podem passar pelo Foco prosódico.

Por outro lado, se tivermos em conta o par pergunta-resposta apresentado em (14), (15) e (16) verificamos uma reordenação de complementos que se pode explicar por razões que se relacionam com uma especificidade sintáctica.

(14) A quem é que deste os livros?

(15) Dei a cada autor que estava na sala o seu livro.

(16) *Dei o seu livro a cada autor que estava na sala.⁵

Assim, nota-se que sendo o constituinte focalizado o objecto indirecto constituído por um quantificador e pelo facto de existir uma obrigatoriedade de ligar a anáfora ao seu antecedente, o peso fonológico do NP nunca poderá ser considerado determinante para a reordenação dos complementos passando a ser o requisito sintáctico que se sobrepõe à componente fonológica.

O exemplo reforça a hipótese do modelo-T da gramática, que pressupõe uma serialização i.e., a sintaxe aparece primeiro gerando as estruturas segundo os parâmetros das línguas em questão e só depois é que vai actuar a componente fonológica, reforçando-se assim o princípio da sintaxe fonologicamente livre.

3. Inserção de Parentéticas

A primazia da sintaxe sobre a fonologia também é reforçada pela observação da impossibilidade de inserção de parentéticas antes de construções relativas apositivas.

Nestas construções, independentemente do peso fonológico do constituinte em causa, não é possível inserir parentéticas dentro do DP mesmo quando o constituinte tem um estatuto de adjunto como é visível em (17) e (18).

(17) *O Luís, segundo me disseram, que vive no segundo andar, está sempre em casa.

(18) *O meu primo Luís, segundo me disseram, que vive no Porto, morreu.

Mas em (19) se inserirmos a parentética dentro da relativa a frase torna-se gramatical.

(19) O meu primo Luís, que, segundo me disseram, vive no Porto, morreu.

⁵ Não aceitável com a mesma interpretação de (15).

Assim, a agramaticalidade das frases em (17) e (18) deve-se a restrições sintáticas quanto à inserção de adjuntos, mostrando que não é possível inserir constituintes parentéticos mesmo com o estatuto de adjunto dentro de DPs nem sequer quando o constituinte à direita do constituinte inserido é um ϕ pesado.

Como foi referido na secção 1., relativamente às parentéticas Frota e Vigário 2001 defendem que o sintagma entoacional adjacente à direita do sintagma entoacional da parentética tem de possuir uma cabeça pesada, i.e., o seu ϕ tem de ser pesado, apresentando como marginais ou agramaticais frases como (20) e (21).

(20) ??/*[O João comprou]_i [segundo me disseram]_i [[livros] ϕ]_i

(21) ??/*[O João comprou]_i [segundo me disseram]_i [[flores] ϕ]_i

Tal como para a reordenação de complementos, os testes realizados informalmente detectaram que muitos dos informantes (60%) aceitam as frases acima referidas e outras do mesmo tipo sem recorrerem a estratégias que resultem num aumento do peso do ϕ em questão, nomeadamente à focalização prosódica do constituinte mais à direita.

3.1. Situação experimental

Para uma melhor compreensão dos efeitos de peso no que diz respeito ao Foco prosódico elaborámos um teste formal que permitisse avaliar de forma mais controlada o comportamento dos falantes, considerando para este efeito estruturas com parentéticas.

Recorrendo a um programa de análise de som desenvolvido por Peter Boersma (PRAAT)⁶ foram construídas duas frases por síntese por concatenação a partir de fala natural lida por um locutor profissional. Estas frases que se encontram em (22) e (23) apresentavam o constituinte final focalizado e pausa entre a parentética e este último constituinte foram avaliadas e consideradas pelos informantes como indistintas de outras naturais.

(22) Os recursos naturais são segundo consta esgotáveis.

(23) Alcoólicos em Portugal são segundo consta milhões.

A partir destas frases que apresentavam pausa depois da parentética e o último constituinte focalizado procedeu-se em primeiro lugar à homogeneização da pausa. Seguidamente foram manipulados através do referido programa a duração e o F0 de forma que o contorno entoacional final correspondesse ao de uma frase neutra declarativa (acento tonal H+L*, associado à última vogal acentuada do constituinte) tendo em conta a declinação de F0 ao longo de toda a frase. Ficámos assim com duas frases sem Foco prosódico no último constituinte e duas com este constituinte focalizado. A partir destas quatro frases construíram-se mais quatro em que a pausa foi eliminada. Obtiveram-se, desta forma, oito frases em que havia uma interacção entre a presença e ausência de Foco prosódico no constituinte final com a presença e ausência de pausa entre este e a parentética (com Foco com pausa,

⁶ www.praat.org

com Foco sem pausa, sem Foco com pausa e sem Foco sem pausa para cada uma das frases acima referidas).

Apesar de na literatura da área ser do consenso geral que a pausa não é obrigatória para a identificação de estruturas com parentéticas, visto ser só necessária a presença de uma ruptura, considerámos ser útil verificar a interacção entre o Foco e a pausa, dado que existem alguns falantes que utilizam, como estratégia de marcação de Foco, uma pausa entre a parentética e o constituinte focalizado.⁷

Finalmente a partir das duas frases originais construíram-se quatro distractores manipulando-se, para dois deles, o último constituinte de cada uma das frases de forma a obtermos uma frase com Foco reforçado, i.e., em que se mantinha o acento original (H*+L) colocando, contudo, o pico de F0 declaradamente acima da linha de declinação. Para os outros dois foram manipuladas a curva de F0 e a duração de forma a tornar estas frases menos naturais.

Com os mesmos segmentos de fala construíram-se mais duas frases (24) e (25) que serviam de distractores e de estruturas de controlo, apresentando as duas depois da parentética um constituinte com mais de uma palavra focalizado.

(24) Os recursos naturais segundo consta são esgotáveis.

(25) Alcoólicos em Portugal são segundo consta aos milhões.

Estas duas últimas frases foram ainda manipuladas com o objectivo de criar mais distractores, em primeiro lugar uma frase pouco natural procedendo-se da mesma forma que para as de (22) e (23). Por último foi construída uma frase a partir de (25) que apresentava no constituinte final efeitos de sandhi.

Ohtivemos, assim, dezassete frases com as quais foi elaborada uma lista ordenada aleatoriamente em que cada uma destas frases apresentava cinco repetições. Desta forma a lista continha oitenta e cinco estímulos aos quais foram adicionados mais dez, no início, que não contaram para fins estatísticos.

Os informantes, em número de vinte, deveriam classificar as frases como sendo boas (B), aceitáveis (A) ou más (M). Note-se que as frases que apresentavam interacção entre Foco e pausa é que eram cruciais para o estudo em curso funcionando as outras como estruturas de controlo e/ou distractores.

Como se pode observar em (26) verificou-se que as frases consideradas menos naturais tiveram um valor significativo de rejeição por parte dos informantes (valores entre os 60 e os 70%) enquanto todas as outras foram maioritariamente aceites por estes, embora não tenha havido um valor de percentagem de 100% em nenhuma das frases com o último constituinte focalizado.

Relativamente às frases que testavam a interacção entre Foco prosódico e pausa verificou-se que as que apresentavam pausa antes do constituinte final tiveram um grau de aceitabilidade muito semelhante (com Foco – 99%, sem Foco – 96%). As frases sem pausa tiveram um grau de aceitabilidade menor (com Foco – 96.5%, sem Foco – 94.5%). Note-

⁷ Cf. Viana, Oliveira e Mata. (2002), pp 83 – 94.

se que as percentagens de aceitabilidade das frases naturais com mais de um item depois da parentética (não degenerado_natural) atingiram sensivelmente valores idênticos (96.5%).

Contudo, saliente-se que um dos informantes mostrou um comportamento um pouco diferente de todos os outros. Para este, as frases com Foco prosódico apresentaram um grau de aceitabilidade bastante superior às frases sem Foco (B – 30%, A – 55%, M – 15% vs B – 0%, A – 45% e M – 55%). Note-se que se observarmos os resultados das quatro primeiras frases de (26), excluindo este informante, a alteração dos valores percentuais das frases consideradas é significativa como se pode verificar em (27). Este comportamento leva-nos a suspeitar da possibilidade de existência de estratégias diferentes para alguns informantes, facto que terá de ser verificado com o desenvolvimento deste teste ou com a realização de outro tipo de situação experimental.

(26)

Tipo de Frase	B	A	M
Foco_com pausa	64.5%	34.5%	1%
Foco_sem pausa	51.5%	45%	3.5%
sem Foco_com pausa	58%	38%	4%
sem Foco_sem pausa	48%	46.5%	5.5%
Foco reforçado	48.5%	48%	3.5%
menos natural	6%	22.5%	66.5%
não degenerado_natural	69%	27.5%	3.5%
não degenerado_menos natural	5%	30.5%	64.5%
não degenerado_sandhi	52%	46%	6%

(27)

Tipo de Frase	B	A	M
Foco_com pausa	66.8%	32.6%	0.5%
Foco_sem pausa	52.1%	45.3%	2.6%
sem Foco_com pausa	62.6%	36.8%	0.5%
sem Foco_sem pausa	50.5%	46.8%	2.6%
não degenerado_natural	68%	28	3.7

Desta forma, analisando os resultados obtidos a presença de pausa parece ser uma variável com algum peso para a aceitabilidade destas frases, embora os valores de percentagem de aceitabilidade destes dois tipos de frase sejam muito próximos (com pausa - 99.5% e sem pausa - 97.4%) se tivermos em conta os valores percentuais das frases classificadas como boas podemos observar que existe uma diferença bastante significativa, apesar de ser de consenso geral que para a identificação da parentética não é necessária a presença de pausa sendo suficiente que exista uma ruptura (cf. nota 7). No que diz respeito ao Foco prosódico, este não é imprescindível para que estas frases sejam consideradas gramaticais mas a sua presença torna-as ligeiramente melhores (com pausa 66.8% vs 62.6%, sem

pausa 52.1% vs 50.5% de frases classificadas como B), apesar de os valores de rejeição das frases com o último constituinte focalizado e das que não o apresentavam focalizado serem os mesmos. Note-se que, para estes dezanove informantes, os valores de rejeição da frase natural que continha o último constituinte não degenerado e focalizado é de 3.7%, valor mais elevado do que aquele que foi encontrado para as frases que não apresentavam o último constituinte focalizado (com pausa - 0.5%, sem pausa 2.6%).

Tal como acontece relativamente à reordenação de complementos, defendemos que a gramaticalidade associada a estas construções deriva da existência de um Foco informacional sintáctico que legitima os constituintes situados na periferia direita como informação nova e, deste modo, a estrutura informacional permite que as frases com uma cabeça leve no constituinte final sejam gramaticais*. O facto de as frases com constituinte final focalizado apresentarem um valor mais elevado nas frases boas permite concluir que o reforço do Foco sintáctico pelo prosódico as torna melhores.

4. Conclusão

Como foi atrás referido, no que diz respeito ao Foco informacional, defendemos que haja em sintaxe uma posição de Foco no extremo direito da frase, posição esta que se relaciona com informação nova. Verificámos que quando o constituinte identificado como informação nova ocupa esta posição, a maior parte dos informantes não necessitou da

* Outra questão em que as autoras defendem a existência de estruturas sintácticas prosodicamente condicionadas é a da topicalização. Partindo da definição de Topicalização de Duarte 87 e 96, definição essa que também será assumida neste artigo, as autoras afirmam que não nos encontramos perante constituintes sintácticos dentro de um só I. Desta forma, pretendem demonstrar que não é a ordem dos constituintes nem o peso fonológico relativo do constituinte topicalizado face ao resto da frase que está em causa, mas sim uma condição fonológica sobre um constituinte prosódico específico. Defendem então que o sintagma entonacional que corresponde à frase da qual o constituinte topicalizado foi extraído tem de possuir uma cabeça pesada. Para ilustrar esta afirmação apresentam como agramatical a frase (1)

(1) * [As dúvidas que tínhamos]I. [aos nossos orientadores]I. [expusemos| ϕ]I

Em (1) a ordem básica deverá ser aquela que apresentamos em (2)

(2) [Expusemos [as dúvidas que tínhamos] [aos nossos orientadores]]

Em nossa opinião e também na opinião dos nossos informantes, apesar de não apresentar heavy NP shift, a frase em (2) é gramatical contrariamente ao que defendem Frota e Vigário 2001, o mesmo acontece relativamente à frase (1) em que o ϕ que deveria ser pesado não o é. Acrescente-se que esta frase é também gramatical para Duarte 87 pag?? e 96 pag??. Nestes estudos, a autora apresenta ainda, como gramaticais, outras frases em que o constituinte em causa não possui uma cabeça pesada.

(3) Piscina, não sabia que tinha.

(4) Detesto a prenda que ao João o pai ofereceu.

(5) Esse livro, o João leu.

Há que realçar que numa topicalização existe também sempre um Foco informacional sintáctico que vai ocupar a posição mais à direita da frase, sendo esta estrutura uma estratégia para realçar o elemento que se encontra elidido na pergunta e ao qual se pretende dar maior evidência na resposta. Para grande parte dos informantes este tipo de Foco é suficiente.

presença de Foco prosódico para a aceitação das frases em questão, sendo para estes suficiente a legitimação dada pelo Foco sintáctico.

Desta forma, pensamos que este tipo de frases pode apresentar um acento prosódico neutro (cf. Costa 1998). Caso a informação nova não ocupe esta posição é atribuído em FF um acento marcado. Verificou-se, contudo, existir uma informante que apresenta estratégias diferentes, necessitando de ter adicionado ao Foco sintáctico um Foco prosódico para aceitar as frases em questão como boas. Não foi, porém, verificado qual o tipo de atitude desta informante relativamente aos constituintes não degenerados sem Foco prosódico por não ter sido prevista esta possibilidade nos estímulos teste. Acrescente-se ainda que, no caso de informantes que não necessitem de Foco prosódico em frases em que a posição de Foco sintáctico está preenchida com informação nova este pode eventualmente ser adicionado por questões relacionadas com estilo.

Os resultados obtidos vão no sentido inverso da hipótese de Frota e Vigário 2001, visto as diferenças não serem significativas em termos de rejeição porque os dados mostram que as frases são melhores quando a Fonologia e a Fonética corroboram com a sintaxe.

Com esta análise mostramos que a Fonologia não condiciona a Sintaxe, mas que o contrário pode acontecer. Verificámos que mesmo nos casos em que os informantes necessitaram de Foco prosódico para aceitar as frases o que acontece é que eles vão reforçar a informação dada pela sintaxe, i.e. como afirma Costa 1998 o escopo dos princípios da fonologia supra segmental diz respeito a unidades sintácticas, dando-se assim uma coincidência de escopo o que não é o mesmo que dizer que a informação fonológica seja utilizada para definir restrições sintácticas. Defendemos, desta forma, o reforço do princípio da sintaxe fonologicamente livre.

Referências

- Ambar, Manuela (1992) *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Costa, João (1998) *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Dissertação de Doutoramento, HIL/Leiden University [published by Holland Academic Graphics. The Hague].
- Duarte, I. (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Duarte, I. (1996) *A Topicalização no Português Europeu: Uma Análise Comparativa*. In Duarte & Leiria (eds.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol I. Lisboa: APL/Colibri.
- Frota, Sónia (2000) *Prosody and focus in European Portuguese*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Frota, Sónia & Marina Vigário (2001) *Efeitos de peso no Português Europeu*. In *Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 315-333.

- Inkelas, Sharon & Draga Zec (1995) Syntax-Phonology Interface. In Goldsmith, J. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Blackwell.
- Mateus, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, (1983) / 1989, 2ª edição revista e aumentada com a colaboração de A. Villalva, 2003, 5ª edição revista e aumentada. Editorial Caminho, Lisboa.
- Nespor, M. & I. Vogel (1986) *Prosodic Phonology*. Foris: Dordrecht.
- Viana, Oliveira & Isabel Mata (2002) Prosodic Phrasing: Machine and Human Evaluation. In *International Journal of Speech Technology*, Kluwer Academics Publishers: Netherlands, pp. 83-94.